

"O testemunho desses anos e este livro [O que é uma figura? Diálogos sobre a Obra de Maria Gabriela Llansol na Casa da Saudação]", in «Nada ainda modificou o mundo» Actualidade de Llansol, org. de João Barrento, Lisboa: Mariposa Azul, 2010, pp.123-126.



Cristiana Vasconcelos Rodrigues*

O testemunho desses anos e este livro

A nota de abertura do livro contextualiza os textos aqui reunidos e fala dos encontros que tivemos em Toki Alai, nomeadamente na Casa da Saudação, entre 2004 e 2007; esta série de textos sobre a Figura llansoliana, e subsequentes discussões, foi particularmente profícua, e no lugar do que poderia ser descrito como a sensação de que muito ficou por debater está o sentimento de várias tardes bem passadas, feitas de pensamento e de afecto, de partilha e da «troca verdadeira» de dons, para usar os termos caros ao Texto llansoliano. Das belíssimas tardes que passámos na Casa da Saudação faz também parte a montagem dos «leves e efémeros»** Cadernos Jade, que foi a forma encontrada para dar a ver os encontros à volta do Texto de Llansol, iniciados já em Dezembro de 2000.

A passagem desse Lugar que foi a Casa da Saudação para est'outro onde hoje continuamos juntos (a Casa do Espaço Llansol (EL), na Vila de Sintra) tem a sua marca simbólica no dia em que plantámos um

* Professora da Universidade Aberta, membro da Direcção do Espaço Llansol.

** João Barrento e Maria Etelvina Santos, «Introdução» de *À Beira do Rio da Escrita*. Lisboa-Sintra, GELL-Grupo de Estudos Llansolianos, 2004, p. 5 (Jade - Cadernos Llansolianos, 1).

metrosideros no jardim de Toki Alai, que a Hélia Correia nos trouxe, pela mão do João Barrento e da Etelvina Santos; esse dia foi o do primeiro encontro do GELL / EL depois da morte de Maria Gabriela Llansol. Devo dizer que tenho saudades deste jardim e da Casa da Saudação, onde muito nos aconteceu; a nossa passagem por aquele Lugar foi marcante, porque concretizou o que a Maria Gabriela nos propôs, depois de 2003, o ano da morte de Augusto Joaquim: encontrarmos um Lugar onde pudéssemos viver a permuta dos nossos dons. Como a Hélia Correia escreve, Toki Alai foi «a concentração de uma energia» (p. 9), um Lugar procurado – eu acrescentaria que este Lugar esperou pacientemente por nós.

Este livro e a figura

Ao revisitar estes encontros pela leitura deste livro sobre a Figura no texto llansoliano, senti que temos em mãos o ponto de partida e a motivação – como se se tratasse de um mote! – para, por um lado, ler o Texto de Maria Gabriela Llansol, por outro, encetar a tarefa, quase insane, de desenhar uma cartografia figural llansoliana à medida que se lê o Texto; porque, como é sabido, de livro para livro reconhecemos (conhecendo de novo, como se fora inédita...) algumas das figuras, que atravessam todo o Texto llansoliano, desdobradas em nomes-outros, em corpos-outros. Não é por acaso que Maria Etelvina Santos fala aqui, a dada altura, da necessidade de se desenhar uma «estética do desdobramento do texto llansoliano» (p. 69).

Os contributos de todos os autores neste livro – Hélia Correia, Albertina Pena, Daniela Oliveira, Paulo Sarmiento, Sandra Santos, Maria Etelvina Santos, e João Barrento – perfazem um belíssimo e heterogéneo ensaio de definição da Figura no texto de Llansol, suportado em palavras como: o desejo, a relação, a metamorfose, a mutação, o afecto, o pensamento, a imagem, o texto, o animal, o humano, a aprendizagem,

o conhecimento, a fala, o anel, a potência, a suspensão de tempo e da memória, entre outras. Trata-se de uma paleta de termos que, de uma forma ou de outra, ajudam de facto a situar o conceito de Figura no texto Llansoliano, num exercício conjunto que se organizou à volta de uma figura considerada matricial, o Cão Jade.

Outra impressão que tive ao ler este livro – e portanto ao me distanciar das discussões em que também participei –, é a de receber não só o pensamento das pessoas que se reúnem à volta de um livro, ou de uma figura, mas também o olhar de Maria Gabriela Llansol sobre as questões que o seu Texto suscita junto deste grupo de pessoas. É como se, além dos textos e diálogos que lemos, também se extraísse um texto de Llansol – fragmentário, e inconsútil – sobre a Figura. Este texto vai-nos falando, entre outras coisas, sobre a relação entre texto e vida, para além das questões biográficas; sobre a figura, o seu caminhar da divergência para a convergência; sobre o apego à beleza, ao movimento, a elevação pelo sentimento, o amor; sobre o que é um ambo; sobre a relação entre o humano e o não-humano; sobre o «humano figura»; e mesmo sobre o modo como Maria Gabriela se sente bem nos encontros na Casa da Saudação, como se pode ler no que a seguir cito:

[...] Portanto, onde eu me situo é numa espécie de continente que o humano levado à sua maior acuidade pode descobrir. É um continente explosivo, é um continente perigoso, mas ao mesmo tempo que é perigoso tem um bem querer extraordinário por esses seres que podem de novo refazer o seu perfil. E acho que essa periculosidade não é assim excessiva, porque há imensas forças protectoras, a que outros chamariam anjos, ou chamariam guias, chamariam não importa o quê, pode chamar-se-lhes conceitos, figuras que estão actuando ou que vão actuar. E acho que eles actuam no meu quotidiano para que não haja um desequilíbrio que produza um colapso. Para mim, é este o caminho do conhecimento corpóreo. Mística não existe mais no sentido da transcendência, mas o que existe é o sentido do círculo com várias for-

ças opostas, mas extremamente centradas. Porque eu também penso que sem contradições e sem perplexidades não se encontra esse continente. E acho que é por isso que, por exemplo, nós hoje somos tão poucos aqui. É que de facto é preciso uma espécie de adequação da forma espiritual corpórea para tratar determinadas realidades, e isso não se cria de um momento para o outro, é um trabalho de longa convivência de uns com os outros, é um trabalho de aprendizagem, de persistência e de escolha. Porque é evidente que é necessário fazer uma escolha. Mas pronto, acho tudo isto serenamente apaixonante, e cá estou, e cá estamos. (pp. 135-136)

Nos debates que se seguem a cada contributo sobre a figura de Jade na obra de Maria Gabriela Llansol assistimos fundamentalmente à partilha de ideias, de dúvidas, que de algum modo ajudam a construir a noção de Figura. No Lugar que foi a Casa da Saudação, estes debates, com a dedicada participação de Maria Gabriela Llansol, foram na verdade uma forma de se *estar com* o Texto, e também a aprendizagem da leitura deste Texto. Creio que a leitura deste pequeno livro sobre a Figura llansoliana dá bem conta dessa importante experiência.